

# CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA PARA A POIMÊNICA E O ACONSELHAMENTO PASTORAL<sup>1</sup>

Wilhelm Wachholz<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo propõe oferecer contribuições da hermenêutica filosófica para a poimênica e o aconselhamento pastoral. Para aproximar-se do tema, caracteriza-se a hermenêutica como dizer, explicar e traduzir, levanta-se introdutoriamente implicações disso para a poimênica e o aconselhamento pastoral. A partir do pensamento de Agostinho, Lutero, do pietismo, de Schleiermacher e Gadamer, aponta-se para a complexidade da hermenêutica, considerando a finitude da letra e fala (*signum*) e a infinitude da palavra (*verbum intimum*). Considerando que pela letra e fala se tem acesso ao *verbum intimum*, a hermenêutica filosófica auxilia fundamentalmente, no aconselhamento pastoral, a ouvir para além da fala do aconselhando, percebendo sentimentos, afetos etc., de forma a caracterizar o aconselhamento como dialogal.

**Palavras-chave:** Hermenêutica filosófica. Poimênica. Aconselhamento pastoral.

## *Contributions from philosophical hermeneutics for poimenics and pastoral counseling*

**Abstract:** The article offers contributions from philosophical hermeneutics for poimenics and pastoral counseling. To approach the theme, hermeneutics is characterized as saying, explaining and translating, from which, initially, implications for poimenics and pastoral counseling are raised up. Based on the thinking of Augustine, Luther, pietism, Schleiermacher and Gadamer, one is directed to the complexity of hermeneutics, considering the finitude of the letter and speech (*signum*) and the infinitude of the word (*verbum intimum*). Considering that through the letter and speech one has access to the *verbum intimum*, philosophical hermeneutics fundamentally helps in pastoral counseling, to hear beyond the talking of the counselee, perceiving feelings, affections, etc. in a way which characterizes the counseling as dialogic.

**Keywords:** Philosophical Hermeneutics. Poimenics. Pastoral Counseling.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 15 de julho de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 28 de setembro de 2010.

<sup>2</sup> Professor de disciplinas de História da Igreja na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, onde leciona disciplinas em nível de Graduação e Pós-Graduação em Teologia. Suas áreas de pesquisa e ensino são: História do Cristianismo (História e Teologia – Lutero, Zwinglio, Calvino – da Reforma do século XVI e da Igreja na América Latina – catolicismo e protestantismo), História Medieval e Moderna, História e Historiografia, Cultura, Representações, Identidade e Etnicidade. wwachholz@est.edu.br

A poimênica e o aconselhamento pastoral<sup>3</sup> são iminentemente um exercício de hermenêutica. Segundo Richard Palmer, as origens da palavra hermenêutica estão no verbo *hermeneuein*, geralmente traduzido por “interpretar”, e no substantivo *hermeneia*, interpretação. A palavra grega *hermeios*, contudo, não pode ser esquecida aqui. *Hermeios* é o sacerdote do oráculo de Delfos, cujo papel é transmutar o incompreensível de forma a tornar-se compreensível. Hermes é, então, portador e mediador de uma mensagem – que não é a sua própria, mas de outrem! – que precisa ser posta em movimento e interpretada.<sup>4</sup>

O conselheiro é hermeneuta por excelência. A ele cabe a tarefa de interpretar. Palmer entende que a interpretação tem três significados: 1) interpretar é enunciar em palavras, ou seja, dizer; 2) é também tornar algo inteligível ou claro, ou seja, explicar; 3) e finalmente, é também transpor de uma língua para outra, ou seja, traduzir.<sup>5</sup> Esses três significados podem ser verificados também no aconselhamento pastoral. Ao conselheiro cabe a tarefa de dizer algo, como também explicar algo incompreensível e ainda traduzir – nesse caso, geralmente traduzir no sentido mais simbólico, isto é, transmutar, por exemplo, medos, angústias, tristezas, de forma que façam sentido e possam ser vencidos.

A interpretação caracteriza a existência humana. A partir da definição de *hermeneia* como dizer, explicar e traduzir, propomos uma contribuição da hermenêutica filosófica com vistas ao aconselhamento pastoral e buscamos contribuições no pensamento de Agostinho, Lutero, do pietismo, de Schleiermacher e, finalmente, Gadamer, refletindo-os na perspectiva do aconselhamento pastoral. A busca pelo sentido para além das palavras externas está presente no pensamento desses pensadores, que podem contribuir para a pergunta da verdade na poimênica e no aconselhamento pastoral, onde, em meio aos dramas, desesperos, sentimentos de fracasso, se apresentam a finitude e a não-compreensão, que exigem interpretação.

## Aconselhamento como dizer, explicar e traduzir

Hermenêutica tem a ver com dizer, exprimir, enunciar, afirmar. Nesse caso, Hermes tem a função de anunciar a verdade que não é sua, mas de deus, tendo sido incumbido de anunciá-la. Cabe-lhe, portanto, ser fiel à verdade da qual é mensagei-

<sup>3</sup> Com Clinebell, definimos poimênica como “[...] o ministério amplo e inclusivo de curas e crescimento mútuos de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida. *Aconselhamento pastoral*, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento”. CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral*; modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007. p. 25.

<sup>4</sup> Cf. PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 23-24. Veja também GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. p. 54-56.

<sup>5</sup> Cf. PALMER, 1989, p. 24.

ro, intermediador. Palmer constata que a palavra grega *herme* e as latinas *sermo* e *verbum* estão próximas entre si.<sup>6</sup> Elas indicam proclamação de notícias da divindade, ou, no âmbito da fé cristã, proclamação da boa-nova de Deus. Retornaremos adiante ao tema, mas observemos introdutoriamente aqui que se pode fazer uma analogia entre Hermes e Cristo, ou seja, como Filho de Deus que traz a verdade de Deus da qual é participante.

Além da fidelidade, o dizer impõe a pergunta de como dizer algo. Dizer é sempre já uma interpretação. Portanto, tem a ver com o tom do dizer, o olhar ao dizer, as palavras de como dizer. Por isso o conselheiro terá que, inicialmente, dar-se conta de que precisa “morrer para sua verdade e preconceitos” ao dizer, afinal, que a verdade não é a sua verdade, mas, mais do que isso, perceber seu próprio estado de espírito ao dizer a verdade da qual é mensageiro, afinal precisa preocupar-se também com a recepção da verdade pelo aconselhando. Além disso, a palavra, particularmente no caso do aconselhamento, não está a serviço de uma ortodoxia, mas a serviço de Deus que, através dela, serve ao ser humano. Nesse sentido, a palavra é palavra-evento a serviço da cura. Portanto a palavra de Deus no âmbito do aconselhamento pastoral não pode ser compreendida simplesmente como informação e transmissão de uma “verdade”, devendo o aconselhando se enquadrar, sublimando seus sentimentos, angústias, medos, revoltas. Pelo contrário, enquanto palavra curadora, ela precisa estar a serviço do aconselhando e não do conselheiro ou dos princípios doutrinários (muitas vezes moralistas e legalistas) de uma igreja institucional.<sup>7</sup>

Heremênutica também tem a ver com explicar. Explicar é clarificar algo. A clarificação de algo que está incompreensível somente é possível quando se considera que a mensagem precisar tornar-se ou ser tornada pela explicação, *pro me*, ou seja, “para mim”.<sup>8</sup> Particularmente no caso do aconselhamento, isso é fundamental quando uma pessoa em meio às lágrimas não consegue “enxergar” respostas, saídas. Cabe ao Hermes clarificar – neste caso, explicar pode simbolicamente ser compreendido como enxugar as lágrimas! – a verdade de forma que ela faça sentido na respectiva situação de vida. Caso a verdade não se tornar encarnada – verdade desencarnada não é verdade, mas mentira! –, ela não fará sentido, portanto, não será libertadora, curadora, consoladora. Em outras palavras, a verdade não será *pro me*.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Cf. PALMER, 1989, p. 25.

<sup>7</sup> Sobre a dimensão ética no aconselhamento pastoral, cf. SANTOS, Hugo. Saúde e ética na ação pastoral de Jesus. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (Orgs.). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2008. p. 26-42.

<sup>8</sup> Cf. PALMER, 1989, p. 34. É interessante observar que Lutero acentuava a necessidade de dar a conhecer a palavra de Deus através de palavras compreensíveis. Somente dessa forma a palavra de Deus pode tornar-se *pro me*. Cf. JUNGHANS, Helmar. **Temas da Teologia de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2001. p. 31.

<sup>9</sup> Hoch oferece sua grande contribuição para uma teologia do aconselhamento pastoral encarnada, ressaltando que “comunicar-se com alguém significa comunicar-se também com o contexto onde essa

Portanto, explicação precisa ser explicação “para mim”. Quando a explicação não for para mim (*pro me*) ou para nós (*pro nobis*), ela não será explicação, pois a verdade não fará sentido em sua real situação de vida. Veremos abaixo com mais detalhes a importância e as implicações da encarnação de Cristo. Aqui cabe introdutoriamente referir que a encarnação de Cristo é a verdade de Deus tornada *pro me*. Ou seja, a encarnação de Deus em Cristo é o seu autoesvaziamento para que alcance o ser humano em sua real situação. Para dizermos de outra forma, Deus se autoexplicou, se autocomunicou em Cristo.<sup>10</sup> No aconselhamento, as implicações da encarnação de Deus são as de que o conselheiro precisa “encarnar” a realidade do aconselhando, despindo-se de seus preconceitos e verdades, tornando-se, como afirmou Lutero, um pequeno Cristo para o outro e, portanto, cuidador do outro.<sup>11</sup>

Finalmente, a hermenêutica tem a ver com traduzir. Palmer pensa aqui particularmente na tradução de um texto de uma língua para outra. Nesse caso, o autor lembra que “[...] o tradutor é um mediador entre dois mundos diferentes. A tradução [afirma ele] torna-nos conscientes do facto de que a própria língua contém uma interpretação”.<sup>12</sup> Palavras nas respectivas línguas apresentam experiências culturais, visões de mundo.<sup>13</sup> Mais do que isso, como veremos abaixo em Schleiermacher, palavras numa mesma língua podem adquirir sentidos distintos. Isso indica que não podemos encontrar a verdade absoluta na letra. Ou seja, a verdade está além da letra. Portanto, não se encontra a verdade absoluta interpretando-se “ao pé da letra”. A palavra é sempre mais do que a letra. Se não fosse assim, teríamos a “letralatria”. Aliás, esse é o problema do fundamentalismo, que congelou a verdade na letra.

A tradução de um texto para outro lembra-nos a própria finitude da letra. Nunca poderemos abdicar da letra, pois ela é veículo importantíssimo da comunicação da verdade. Contudo, ao limitar-se a verdade à letra, acaba-se matando a verdade. No caso particular do aconselhamento pastoral, isso tem relevância importante. Ao conselheiro caberá sempre “traduzir” as palavras do aconselhando de forma a “ouvir por trás das palavras”, ou seja, da fala. Para isso será necessário adentrar o mundo do aconselhando de forma a traduzir sua fala para que possa ser

---

\_\_\_\_\_ pessoa vive”. HOCH, Lothar Carlos. A Comunicação como Chave do Aconselhamento Pastoral. In: \_\_\_\_\_; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). **Comunidade Terapêutica**; cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003. p. 105.

<sup>10</sup> Wondracek, recorrendo a Michel Henry, resgata a importância da encarnação de Jesus para o aconselhamento pastoral. Cf. WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. **Ser nascido na vida**: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. f. 140-162. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

<sup>11</sup> Cf. MUELLER, Enio R. Fundamentos da ética de Lutero. In: WACHHOLZ, Wilhelm. **Identidade Evangélico-Luterana e Ética**; Anais do III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: EST, 2005. p. 14.

<sup>12</sup> PALMER, 1989, p. 37.

<sup>13</sup> Noé apresenta importantes implicações das fronteiras culturais para o aconselhamento e psicologia pastoral. Cf. NOÉ, Sidnei Vilmar. Multi e interculturalidade na América Latina. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral**; contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 69-83.

compreendida pelo conselheiro, mas também para que possa ser “devolvida”, ou seja, traduzida para o próprio aconselhando. Afinal, por trás da fala do aconselhando pode estar um enorme mundo que precisa ser traduzido para ele próprio, já que, em meio ao seu drama particular, pode não estar conseguindo traduzir e, logo, não encontrando respostas e saídas.

Podemos, portanto, perceber que existem palavras por trás das palavras que podem não aparecer de forma imediata. Nesse caso, cabe ao Hermes, isto é, ao conselheiro, dizer, explicar e traduzir essas palavras. Mais do que isso, será necessário transmutar a verdade de Deus para que possa fazer sentido para a vida. Isso aponta para o fato das palavras conterem uma profundidade que pode não ser percebida de forma imediata. Isso nos leva a seguir, a ensaiar contribuições hermenêuticas para o aconselhamento pastoral a partir dos pensamentos de Agostinho, Lutero, do pietismo, Schleiermacher e Gadamer. Não poderemos ser exaustivos no pensamento de cada qual, mas, introdutoriamente, propomos resgatar elementos desses pensadores que podem auxiliar o aconselhamento pastoral.

## Agostinho de Hipona

A compreensão de palavra de Agostinho de Hipona (354-430) encontra eco entre a hermenêutica filosófica da atualidade e tem também relevância para o aconselhamento pastoral. Para Agostinho, palavra (*verbum*) é a encarnação gradual de um espírito. O espírito está plenamente na palavra – Lutero se manifestará de forma semelhante, como veremos a seguir –, mas concomitantemente aponta para algo distinto. É necessário que se distinga, portanto, entre letra/signo (*signum*) e enunciação – linguagem particular, histórica ou sensitiva – de palavra íntima/interior (*verbum intimum/interius*). A palavra íntima é a palavra da alma, do coração, que se vale da letra ou da enunciação/fala para assumir forma concreta ou sensível. Ao fazer-se sensível – vista ou ouvida –, ela não permite ser possuída.<sup>14</sup> Em outras palavras, a distinção entre *verbum intimum* e *signum* deve-nos lembrar sempre que a verdade absoluta (Deus) somente se dá a conhecer em nossa realidade finita, portanto precisamos nos lembrar que a verdade não pode ser possuída, mas somente crida. Esse alerta é sobremaneira importante, pois não permite o fundamentalismo da letra, inaugurado com a ortodoxia do século XVII – inspiração verbal da Bíblia pelo

---

<sup>14</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 71, 75-76.

Espírito Santo<sup>15</sup> – e retomado – nas palavras de Tillich, de forma “primitivizada”<sup>16</sup> – sob novas formas no fundamentalismo norte-americano no século XX.<sup>17</sup>

A relação entre *verbum intimum* e *signum* encontra seu paralelo na própria revelação de Deus em Cristo. O *verbum intimum* já preexistia com Deus antes da criação do mundo ou de sua revelação em Cristo. Em certo tempo, o *verbum intimum* tornou-se sensível, assumiu forma humana. Contudo, enquanto *signum*, não é cópia exata do *verbum intimum*.<sup>18</sup> Poder-se-ia dizer que Cristo é a realidade externa, ou o sinal de Deus. Cristo é a palavra externa de Deus, cujo Espírito se instrumentaliza pela palavra.<sup>19</sup>

O pensamento de Agostinho, que reaparece em Lutero, especialmente no seu pensamento do Deus oculto e revelado, como veremos a seguir, tem importância para a própria compreensão do ser humano. Ao tornar sensível o seu *verbum intimum* através da linguagem – fala, enunciação, gestos, olhar –, o outro ser humano tem acesso ao seu íntimo, ao seu coração.<sup>20</sup> Contudo, ao revelar-se, o outro sempre ainda pode não ser completamente compreendido, percebido, descoberto. Esse elemento é, pois, fundamental no aconselhamento pastoral, sobretudo no mundo ocidental, em que ocorreu um encurtamento da palavra – enquanto *verbum intimum* –, fazendo-a

<sup>15</sup> A ortodoxia defendeu que a autoridade da Bíblia mantém-se pelos critérios externos (milagres, profecias, história dos mártires etc.), por meio de critérios internos (estilo, princípios grandiosos, retidão moral etc.) e pelo testemunho do Espírito Santo. Neste terceiro critério defendia-se que o Espírito Santo testemunha serem as Escrituras Sagradas verdadeira doutrina por serem inspiradas verbalmente. Os autores dos livros sagrados foram “penas” do Espírito Santo. Por essa razão defendia-se que a Bíblia não continha contradições, por isso a exegese tinha como tarefa, por excelência, proceder (malabarismos) harmonizações entre textos “aparentemente” contraditórios. Percebe-se, portanto, que a doutrina da inspiração verbal da Bíblia foi uma resposta à Contrarreforma católica, que afirmava que os leigos não precisavam conhecer a verdade; bastava crer naquilo em que a igreja acreditava, mesmo que não saiba o que realmente isso significa. Cf. TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, [1988], p. 254-256. Cf. também TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 1986. p. 35-39. Como o protestantismo não podia defender esse princípio, pois não a igreja, mas a Bíblia é norma que rege a igreja, acabou por “(apro)fundar” o *sola scriptura* com base na sua inspiração verbal. Contudo, não é, também neste caso, a interpretação da igreja que vale?

<sup>16</sup> Cf. TILLICH, [1988], p. 251.

<sup>17</sup> Também no caso do fundamentalismo há a necessidade do primado do livro. Afirma-se o princípio da inerrância do conteúdo da Sagrada Escritura. Mais do que isso, a Bíblia é desistorizada ou anistorizada, ignorando-se as perspectivas históricas de sua redação e de seu conteúdo, que por isso também não pode ser adaptado ou atualizado. Boff afirma que a perspectiva fundamentalista de Bíblia e verdade leva a uma compreensão de verdade segundo a qual “a vida é sacrificada em nome de normas e doutrinas fossilizadas”. BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo**; a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 21; cf. também p. 13-16 e PACE, Enzo; STEFANI, Pierro. **Fundamentalismo religioso contemporâneo**. Apelação: Paulus, 2002. p. 20-21.

<sup>18</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 76-78.

<sup>19</sup> Cf. HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 5. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 107.

<sup>20</sup> Clinebell define isso como “compreensão empática”, definida por ele como a busca por “[...] entrar no mundo interior de significados e sentimentos profundos da pessoa, escutando com atenção e interesse”. CLINEBELL, 2007, p. 406.

repousar como absoluta na letra, na fala, na enunciação. Cabe, portanto, considerar, a partir de Agostinho, que somente temos acesso (e ainda assim, restrito!) ao *verbum intimum*, ou seja, ao outro (seus dramas, sofrimentos, desesperos, alegrias) através do diálogo. Somente o diálogo – e não a fala unilateral do conselheiro pastoral! – permite “descobrir” o outro, visando ao seu cuidado.

Cabe lembrar aqui o próprio embate de Cristo, especialmente com os fariseus, os “fundamentalistas” da época. Eles eram os “donos da letra” e, como tais, estavam presos ao *signum* e constantemente pediam sinais a Jesus (Mt 12.38). Jesus, contudo, precisava lembrá-los que o reino de Deus não pode ser reduzido ao *signum* (Lc 17.20), mas era necessário considerar a dimensão espiritual do reino.

## Martim Lutero

Martim Lutero (1483-1546) fez do *sola scriptura* um dos pilares da Reforma da igreja. A importância do *sola scriptura* está no fato de que as Sagradas Escrituras apontam para o centro da fé cristã, ou seja, para Cristo (*solus Christus*), que nos é dado gratuitamente (*sola gratia*) para fins de salvação mediante da fé (*sola fide*).<sup>21</sup>

Ao afirmar o *sola scriptura*, Lutero, e a hermenêutica protestante posterior, precisou da atenção ao interpretar a letra, ou seja, o *signum*. Lutero orientou sua interpretação com base no princípio do *sensus literalis*. Corretamente compreendido, isso significava para ele que o sentido literal já traz consigo o significado espiritual. Portanto, o espírito das Escrituras está no verbalizado; portanto, não além da palavra, mas nela mesma. Mais do que isso, sem o Espírito, a palavra permanece morta na letra.<sup>22</sup> Por isso a palavra precisa ser colocada em movimento de forma a tornar-se palavra viva, *pro me*.<sup>23</sup> Somente a atualização da palavra pelo Espírito torna a palavra palavra-evento, palavra-libertadora, palavra-graça, palavra-fé, palavra-salvadora, palavra-curadora.

Deus é palavra que se revelou (e ocultou!<sup>24</sup>) em Jesus Cristo. Nesse sentido, semelhantemente a Agostinho, em Lutero também encontramos a ideia da palavra interna e externa, ou palavra oculta e revelada, a partir da tese do Deus oculto e revelado. Ele distingue Deus da seguinte forma:

---

<sup>21</sup> Cf. MUELLER, Enio R. **Teologia Cristã**: em poucas palavras. São Paulo: Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005. p. 43ss.

<sup>22</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 82-83.

<sup>23</sup> Cf. PALMER, 1989, p. 34.

<sup>24</sup> Para Lutero, a cruz de Cristo é o lugar da revelação de Deus e, paradoxalmente, seu sofrimento na cruz é lugar de se ocultar. Ao ocultar-se na cruz, Deus paradoxalmente se revela, ou seja, revela “humanidade, debilidade, tolice”, ocultando sua divindade, glória, majestade. Assim, Deus se visibilizou ao se ocultar e somente ao se ocultar, se visibilizou. A cruz é, então, “máscara” ou “véu” utilizado para sua autorrevelação. LUTERO, Martinho. O Debate de Heidelberg. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. v. 1, p. 49; LOEWENICH, Walther von. **A teologia da cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 22-25.

A respeito do Deus – ou da vontade de Deus – que nos é pregado, revelado, oferecido e cultuado, deve-se debater de outra maneira do que a respeito do Deus não-pregado, não-revelado, não-oferecido, não-cultuado. Portanto, na medida em que Deus se oculta e quer ser ignorado por nós, ele absolutamente não nos importa. Com efeito, aqui de fato tem validade a palavra que diz: “O que está acima de nós absolutamente não nos importa”. E, para que ninguém ache que essa distinção é minha, sigo a Paulo, que escreve aos tessalonicenses acerca do anticristo [e diz] que ele se exaltará acima de todo Deus pregado e cultuado, indicando claramente que alguém pode se elevar acima de Deus na medida em que ele é pregado e cultuado, isto é, acima da palavra e do culto através dos quais Deus nos é conhecido e se relaciona conosco, mas que nada pode elevar-se acima do Deus que não é cultuado nem pregado, isto é, em sua natureza e majestade; antes, tudo está sob sua potente mão.<sup>25</sup>

As palavras de Lutero suscitam a pergunta: qual a relação do Deus abscondito como o Deus revelado? A primeira observação a ser feita é que, segundo Lutero, “deve-se debater de outra maneira” a respeito de um e outro. A não-distinção de um mesmo Deus que, contudo, se revela e ainda assim permanece oculto tem como consequência a “objetificação” de Deus. É da essência de Deus permanecer “totalmente Outro” apesar de sua revelação. Ou como diz Agostinho: “Vós sois superior ao que há em mim de mais elevado e mais íntimo do que a minha própria intimidade”<sup>26</sup>. Por sua liberdade, característica suprema de Deus, ele sempre precisa ser conhecido como sendo o não conhecido completamente. Portanto, o conhecimento somente pode se dar pela fé. A fé, por sua vez, é obra de Deus. Logo, tanto a fé quanto o conhecimento de Deus vêm dele mesmo.

Deus se deixa conhecer pela sua palavra. Portanto, o conhecimento de Deus depende do próprio ato da revelação de Deus. Deus não se dá a conhecer como um “Deus nu”. Baillie definiu o pensamento de Lutero a esse respeito como sendo “imedição mediada”.<sup>27</sup>

Portanto, devemos deixar de alto a Deus em sua majestade e natureza, pois assim nada temos a ver com ele e assim ele não quis que tenhamos a ver com ele. Mas na medida em que se vestiu e se revelou em sua palavra, pela qual se ofereceu a nós, temos a ver com ele. Esse é o seu esplendor e sua glória, com os quais ele está vestido, como celebra o salmista.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> LUTERO, Martinho. Da vontade cativa. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993. v. 4, p. 101.

<sup>26</sup> AGOSTINHO apud LIBANIO, João Batista. Religião e Teologia da Libertação. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Sarça Ardente**: teologia na América Latina. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 88.

<sup>27</sup> BAILLIE apud WATSON, Philip S. **Deixa Deus ser Deus**; uma interpretação da teologia de Martinho Lutero. Canoas: ULBRA, 2005. p. 110.

<sup>28</sup> LUTERO, 1993, p. 101.



A partir do livro do Êxodo (33.18ss), Lutero se vale da imagem segundo a qual somente podemos ver “Deus de costas” (*posteriora Dei*). Nenhuma pessoa, pela sua finitude, pode ver a face de Deus diretamente. Também Moisés viu Deus somente “de costas”. Portanto, conhecimento de Deus somente é possível como conhecimento de suas “costas”. Lutero sequer pergunta pelo conhecimento de Deus “pela frente” (*anteriora Dei*), pois o conhecimento de Deus só é possível a partir de Deus mesmo. Como ele não se deu a conhecer “de frente”, não cabe ao ser humano perguntar pela “frente de Deus”.<sup>29</sup>

As “costas de Deus” e a “frente de Deus” são relacionadas com o Deus revelado e abscondido. Se perguntarmos “pelos costas de Deus”, ou seja, por Jesus Cristo, encontraremos consolo, amparo em meio à finitude humana. Caso enveredarmos pelo caminho através das perguntas especulativas sobre o rosto de Deus, somente teremos desespero, pois jamais teremos respostas absolutas do Deus absoluto, totalmente Outro e infinito. Por isso o conhecimento de Deus começa na manjedoura.<sup>30</sup>

Deus revelado é Deus “vestido” ou “Deus de costas” para o ser humano. Deus se veste com sua palavra para revelar-se. Em sua encarnação, Deus assume a linguagem humana para dar voz à sua palavra. Por isso Deus veste-se como palavra, para se comunicar, assumindo a linguagem humana. Somente assim as pessoas podem chegar ao conhecimento de Deus.<sup>31</sup>

Ainda assim, o Deus revelado, o Deus da Palavra, não anula o Deus abscondido. O fato de Deus revelar-se pela Palavra não significa que ele se reduz ou pode ser reduzido à Palavra. Deus é sempre mais do que sua Palavra. Isso é assim, pois Ele não se reduz aos limites da Palavra. Ele não se esgota na Palavra. Afinal, “Deus faz muitas coisas que não nos mostra através de sua Palavra. Ele também quer muitas coisas que não mostra através de suas palavras”.<sup>32</sup>

Esse princípio teológico de Lutero é fundamental, pois impede que não se reduza Deus a Cristo, o que poderia levar a uma “crisolatria” (idolatria de Cristo) ou a uma “letralatria” (idolatria da letra/palavra, a exemplo de ortodoxias e fundamentalismos).

O pensamento de Lutero oferece grande contribuição para o aconselhamento pastoral. Em primeiro lugar, não permite a manipulação de Deus através de

---

<sup>29</sup> Cf. LOEWENICH, 1988, p. 35.

<sup>30</sup> Cf. LOEWENICH, 1988, p. 36. Lutero, evocando o palavra de Cristo, afirma em *Missa e Ordem do Culto Alemão*: “[...] que ninguém se julgue sábio demais para essa brincadeira de criança. Para treinar pessoas, Cristo teve que tornar-se pessoa humana. Se queremos treinar crianças, temos que nos tornar crianças com elas. Queira Deus que essa brincadeira de criança seja amplamente praticada. Em pouco tempo teríamos um grande tesouro de pessoas cristãs, e teríamos almas ricas na Escritura e no conhecimento de Deus [...]” LUTERO, Martinho. *Missa e Ordem do Culto Alemão*. In: **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 223.

<sup>31</sup> LOEWENICH, 1988, p. 28.

<sup>32</sup> LUTERO, 1993, p. 101.

“verdades” pessoais do próprio conselheiro. A exemplo de Deus que se esvazia em Cristo para se comunicar e oferecer a salvação, cabe ao conselheiro despojar-se de seus preconceitos e verdades e, em fé humilde, postar-se como servo, mensageiro, intermediador no processo de cuidado, cura, poimênica. Finalmente, cabe uma postura de humildade do conselheiro perante o aconselhando, considerando sempre que atrás das falas, gestos, olhares pode estar se ocultando uma pessoa que não está conseguindo se dar a conhecer como desejaria ou precisaria. Portanto, a exemplo do alerta de Lutero a respeito de Deus, o conselheiro não pode tornar o aconselhando um objeto de sua poimênica.<sup>33</sup>

## Pietismo

O pietismo caracterizou-se como uma reação à ortodoxia do século XVII. A ortodoxia defendia a necessidade da teologia se valer das categorias da filosofia. Assim, ela se associou ao pensamento filosófico do neoaristotelismo, surgindo disso a metafísica escolástica protestante. Do aristotelismo, a ortodoxia assumiu o princípio segundo o qual o conhecimento procede da realidade externa, como uma realidade imediata, de forma que temos acesso pelo sensível ao conhecimento, e também o princípio de forma, segundo o qual acessamos o conhecimento de algo a partir da forma das coisas e não pela sua substância.<sup>34</sup> Essa concepção permite compreender, pelo menos em parte, a ênfase da ortodoxia no princípio formal da teologia, a saber, a Bíblia, necessitando “defender” a letra da Bíblia com base no princípio da inspiração verbal pelo Espírito Santo. Afinal, se o conhecimento procede da realidade externa, essa realidade é a letra, e abalar a letra é abalar o princípio do conhecimento da verdade.

A partir das influências aristotélicas, a teologia intelectualizou-se com a ortodoxia. A fé passou a significar aceitação intelectual da verdadeira doutrina. A ortodoxia entendia que a certeza do conhecimento da verdadeira doutrina repousava sobre a realidade objetiva da Sagrada Escritura. Em oposição a esse princípio, o pietismo defendeu que a experiência individual da regeneração, conversão, era fundamental para o conhecimento ou percepção religiosa. A ênfase numa vida santificada levou a que surgissem do meio pietista frases como: “religião é coisa de coração e não de cabeça”; “vida é melhor que doutrina” etc. Em oposição a uma

---

<sup>33</sup> Roser apropriadamente observa que o acompanhamento pastoral precisa se orientar no sujeito, isto é, o aconselhando. Cf. ROSER, Traugott. Aconselhamento diante da morte e suas implicações para a competência pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin H. K. (Orgs.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar do início ao crepúsculo da vida – esperanças e temores*. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2006. p. 73. Ante o drama da morte, Noé evoca o exemplo da *ars moriendi* de Lutero, ressaltando a importância do “morrer saudável”, em que o moribundo não é anulado no seu ser, mas em que lhe é permitido participar do processo do morrer. NOÉ, Sidnei Vilmar. A morte bem-aventurada: Lutero e a *ars moriendi*. In: HOCH; WONDRACEK (Orgs.), 2006, p. 77-84.

<sup>34</sup> Cf. TILLICH, [1988], p. 253-254.

fé exteriorizada, representada pela pia batismal, confessionário, altar e púlpito, o pietismo acentuou a interiorização da fé. Desta forma, acentuava-se o aspecto “subjetivo” da igreja, isto é, a comunidade cristã, ao passo que os reformadores haviam enfatizado o aspecto “objetivo” através de palavra e sacramentos.<sup>35</sup> Tillich definiu e relacionou assim ortodoxia e pietismo:

Pietismo é a reação do lado subjetivo da religião contra o lado objetivo. Não há dúvida de que esse lado subjetivo se fazia presente na ortodoxia, mas não significava grande coisa. Na verdade, a ortodoxia vivia na objetividade da organização teológica e eclesial.<sup>36</sup>

O pietismo enfatiza a doutrina da *ordo salutis* (ordem da salvação), cujo estágio último é a *unio mystica* com Deus. Eis a ênfase pietista em uma relação pessoal com Deus.<sup>37</sup> Se fé não é coisa do intelecto, mas do coração, a relação de Deus com o ser humano e do ser humano com Deus e do próprio ser humano com outro é uma relação que envolve afetos. Assim, contra o intelectualismo objetivista da ortodoxia, o pietismo enfatiza a universalidade do afetivo.<sup>38</sup>

Para o pietismo, toda palavra é habitada por afetos. Portanto, a busca pela compreensão de cada palavra, também das Sagradas Escrituras, precisa considerar os afetos implicados antes da palavra vir a ser sinal (*signum*), ou seja, antes de tornar-se fala, letra. Portanto, não se pode pressupor uma rigidez objetiva atrás da palavra como pretendia a ortodoxia. É necessário adentrar o sentido espiritual da letra considerando os afetos relacionados à letra. A palavra tem um íntimo que revela o estado afetivo da alma de quem a escreveu ou falou.<sup>39</sup> Essa concepção do pietismo influenciaria Johann Jacob Rambach (1693-1735) em sua obra *Institutiones hermeneuticae sacrae* ao afirmar:

Não (se) pode entender e interpretar plenamente as palavras de um autor, se não se sabe, de que afetos elas fluíram. [Porque:] nosso discurso é uma expressão de nossos pensamentos. Nossos pensamentos quase sempre estão conectados com certos afetos secretos [...], por isso pela fala nós não só damos a entender aos outros os nossos pensamentos, mas também nossos afetos com eles conectados. Disso segue agora este “consecrarium”, que é impossível perceber e explicar exaustivamente as

---

<sup>35</sup> Cf. HÄGGLUND, 1995, p. 284-285; DREHER, Martin N. **A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 121.

<sup>36</sup> TILLICH, [1988], p. 257. Não podemos desconhecer – embora não seja nosso objetivo discutir aqui essa problemática – que, em boa parte, a “subjetividade” do pietismo se diluiu, evidenciando sua objetividade através da ênfase na santidade e moral (combate a bailes, teatro, jogos, vestimentas caras, festas, diálogos banais), retomando, portanto, características do puritanismo. Cf. TILLICH, [1988], p. 259.

<sup>37</sup> Cf. TILLICH, [1988], p. 257. Cf. também TILLICH, 1986, p. 40-46.

<sup>38</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 113-114.

<sup>39</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 114.

palavras de um escritor, se não se sabe, que afetos estavam associados com isso em seu ânimo, quando ele falou essas palavras.<sup>40</sup>

Portanto, a palavra somente se torna palavra-evento ao atingir o ouvinte. Para atingi-lo, não basta a *intelligere* ou *explicare* da palavra, nem mesmo dos afetos envolvidos nas palavras. Mais do que isso, o ouvinte precisa ser atingido em seus afetos pelos afetos da palavra. Gadamer irá se valer disso para afirmar que toda palavra precisa ser palavra *pro me/pro nobis*. Caso contrário, a palavra permanece morta na letra.

A contribuição do pietismo sobre o afetivo é relevante para o aconselhamento pastoral. Em primeiro lugar, o pietismo lembra-nos que o aconselhamento pastoral não pode ser lugar para “despejo” de doutrinas sobre o aconselhando. As palavras bíblicas ou as próprias palavras do conselheiro têm afetos envolvidos que precisam ser considerados. A partir desses afetos, cabe buscar conectá-los com os afetos, ou o estado de espírito, do aconselhando. Somente assim o aconselhando perceberá as palavras de Hermes (conselheiro) como sendo libertadoras, curadoras, consoladoras, amorosas, enfim, palavras *pro me*.

Clinebell lembra que pessoas para as quais Deus não passa de um conceito não conseguem ouvir a boa-nova. Deus não passa de um Deus morto. Somente o Deus vivo é Deus *pro me*. Deus vivo e *pro me* é um Deus de afetos. Em correlação,

A poimênica e o aconselhamento podem ser formas de comunicar o Evangelho na medida em que ajudam essas pessoas a abrir-se para um relacionamento curativo. Enquanto não tiverem experimentado amor imerecido e aceitador num relacionamento humano, o Evangelho não pode tornar-se uma realidade viva para elas. Enquanto não tiverem sido atingidas por aceitação solícita (que é o correlativo humano, sempre limitado, da graça de Deus) num encontro de pessoa para pessoa, a boa-nova da mensagem cristã não pode tornar-se uma realidade experimentada e libertadora para elas. Relacionamentos de ajuda são lugares onde pode ocorrer essa encarnação da graça – limitada e fragmentária, porém transformadora.<sup>41</sup>

## Friedrich Schleiermacher

Em Friedrich Schleiermacher (1768-1834), encontramos outro importante representante do pensamento hermenêutico que poderá contribuir para o aconselhamento pastoral. Ele foi outro expoente que representou uma descontinuidade ao gramaticalismo, tecnicismo, racionalismo da letra desenvolvida desde a ortodoxia. Para ele, o fato das pessoas pensarem coisas distintas sob as mesmas palavras indica

---

<sup>40</sup> RAMBACH apud GRONDIN, 1999, p. 114-115.

<sup>41</sup> CLINEBELL, 2007, p. 62-63. Cf. também SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998. p. 317.

que hermenêutica não pode ser reduzida à gramática. Além da gramática, que busca pelo sentido do uso linguístico, a hermenêutica também deve considerar a dimensão “técnico-psicológica”, que atenta à expressão interior. Como decorrência da segunda dimensão, a tarefa hermenêutica é constante, pois “[...] a não-compreensão não quer nunca dissolver-se totalmente”<sup>42</sup>. Diferentemente dos fundamentalismos que, a partir de uma compreensão congelada, congelante e anistórica da letra, se esmeram na “aplicação de uma verdade absoluta”, pois concebem que atingiram o *telos* da compreensão da verdade absoluta e única, Schleiermacher afirma uma hermenêutica caminhante, pois, como nunca se pode estar totalmente seguro da compreensão, se faz necessário penetrar sempre de novo em busca da compreensão. Aparece, portanto, a dimensão dialógica da hermenêutica em seu pensamento. Segundo ele, interpretar é sempre diálogo, por exemplo com um texto. Poderíamos dizer que o diálogo se faz necessário, pois não basta ler a letra; é preciso também “ler entre as linhas”<sup>43</sup>.

Com Schleiermacher, resgatamos fortemente a tarefa da hermenêutica em sua dimensão dialógica. Interpretar é dialogar. Pelo diálogo, temos acesso à compreensão. Como o diálogo não tem propriamente um ponto de chegada, ele não pode cessar. Isso é sobremaneira importante para a fé cristã e, em particular, para o aconselhamento pastoral. A Bíblia não pode ser utilizada, em particular no aconselhamento, como um livro informativo. Se quisermos dizê-lo de forma figurada, poderíamos afirmar que, a partir de Schleiermacher, somos alertados que a Bíblia não tem somente “boca”, mas também “ouvidos”. Ela não é somente “falante”, mas também acolhedora de perguntas, dúvidas, inquietações. Em resumo, a exemplo de Deus que, em Cristo, se propôs ao diálogo com a humanidade, ele continua, através da Sagrada Escritura, sua proposta dialógica com a humanidade para cuidá-la, salvá-la, libertá-la.

Schleiermacher também nos lembra que, no processo de aconselhamento, as palavras do aconselhando podem estar apontando para uma realidade distinta de sua fala, portanto, não se pode levar tudo ao “pé da letra”. Palavras podem estar dizendo coisa distinta, portanto, é preciso ouvir “entre as letras”. Também somos lembrados que as próprias palavras do conselheiro podem ser acolhidas de forma distinta da intenção. Como o lugar, ou seja, dramas, percepções, preconceitos etc., do conselheiro e do aconselhando podem ser distintos, o lugar de onde se fala e ouve pode provocar conflitos.<sup>44</sup> Portanto, é fundamental que haja consciência do lugar de onde cada qual fala/ouve. Hoch lembra que

---

<sup>42</sup> GRONDIN, 1999, p. 128. Cf. também SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica*; introdução ao compêndio de 1819. In: DREHER, Luís H. **O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2003. p. 104-107.

<sup>43</sup> GRONDIN, 1999, p. 133. Schipani reflete bem o aconselhamento como um caminhar de conselheiro e aconselhando. Cf. SCHIPANI, Daniel S. **O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 97-116.

<sup>44</sup> HOCH, 2003, p. 103.

A comunicação libertadora inicia com o ato de ouvir e de se colocar em sintonia com os anseios de uma pessoa ou de um grupo, ajudando-os a formar uma consciência mais clara da sua situação, das suas reais necessidades e angústias e das causas que as geram. A comunicação pastoral e psicológica é, por natureza, dialógica e jamais um caminho de uma via só. Ela se abstém de oferecer soluções prontas e preconcebidas. Ela se empenha pela busca conjunta de pistas e alternativas para uma determinada situação de sofrimento. O próprio processo de busca partilhada por alternativas é um fator estimulador da comunicação e do inter-relacionamento pessoal terapêutico.<sup>45</sup>

## Hans-Georg Gadamer

Chegamos assim, finalmente, a Hans-Georg Gadamer (1900-2002), com o qual concluímos nossa proposta de contribuição da hermenêutica filosófica para o aconselhamento pastoral. Gadamer nos lembra que a linguagem tem seus limites por ser historicamente circunscrita ou condicionada. Ou seja, pela linguagem nunca conseguimos dizer tudo o que desejamos ou precisamos dizer. Por isso buscamos sempre novas palavras para dizer o “in-dizível”. Ao descobrirmos/criarmos novas palavras, percebemos que conseguimos adentrar mais na direção do *verbum intimum* e torná-lo manifesto um pouco mais. Contudo, também nos damos conta que, com novas palavras, conseguimos somente deslocar um pouco adiante as fronteiras da linguagem, mas jamais superá-las absolutamente. Portanto, precisamos continuar o diálogo.<sup>46</sup>

Para Gadamer, compreender é sempre compreender-se dentro da compreensão que se busca. Em outras palavras, a compreensão somente é possível se ela faz sentido para mim, de forma que seja *pro me*. Buscar compreender um texto do passado, por exemplo da Bíblia, é traduzir esse texto para o presente, atualizá-lo, tornando-o *pro me/pro nobis*. Mais do que isso, um texto somente se torna falante se lhe são dirigidas perguntas.<sup>47</sup> Isso, então, auxilia a compreender a razão pela qual, por exemplo, pessoas escolhem determinados versículos bíblicos ou outras palavras como lemas para suas vidas. Duas pessoas podem escolher os mesmos versículos como lemas para suas vidas, contudo, fazem-no a partir de motivações/perguntas distintas. Logo, o mesmo versículo representa algo distinto para cada qual, contudo, exatamente assim, faz sentido para cada qual.

A partir da compreensão do *verbum interius*, ou seja, a palavra inexpressa, Gadamer ressalta a necessidade do constante diálogo em busca da compreensão. Assim, para Gadamer, interpretar caracteriza-se pela lógica da pergunta-resposta da qual o intérprete participa. Quando perguntamos buscando a compreensão do *verbum interius*, somos confrontados com a própria finitude do saber definitivo.

---

<sup>45</sup> HOCH, 2003, p. 99.

<sup>46</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 80.

<sup>47</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 193-194.

Portanto, assim tanto em sua dimensão biológica quanto linguística, o ser humano é finito; também na busca pelo conhecimento ele se confronta com a finitude.<sup>48</sup> Interpretar é, portanto, “conversar com a morte”, ou seja, perguntar, a partir da finitude, pela infinitude. Essa, contudo, está sempre “além” e somente pode ser experimentada na finitude.<sup>49</sup>

Para fins de aconselhamento pastoral, Gadamer lembra que esse há que ser profundamente dialogal (e não informativo de verdades!). Somente assim o aconselhando perceberá que a palavra da salvação é palavra para ele (e para mim!). Gadamer também nos lembra que o ser humano é finito, portanto, não pode apropriar-se da verdade absoluta, mas sim ser envolvido por ela (Deus), que, em Cristo, se coloca em diálogo com a humanidade. Apropriar-se da verdade absoluta, reduzindo-a a códigos prontos e fechados, carregados não raramente por preconceitos antievangélicos, não somente implica a tentativa de manipulação de Deus, mas também a própria negação da finitude humana, assumindo o lugar de Deus. Se Deus se apresenta de forma dialogal em Cristo, o aconselhamento somente pode ter essa dimensão, jamais um caráter de informação e despejo de verdades desencarnadas e opressoras com roupagens bíblicas.

## Concluindo

O apóstolo Paulo afirma: “Não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica” (2Co 3.5s). Assim como a letra mata o espírito, a intolerância mata a verdade. Boff caracteriza bem:

Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e do desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado.<sup>50</sup>

A hermenêutica filosófica, fundada nos pensamentos de Agostinho, Lutero, no pietismo, Schleiermacher e Gadamer, encoraja a interpretar a palavra de Deus de forma cristocêntrica e, por isso, encarnada. Somente encarnada, de maneira que o aconselhando participe como sujeito do aconselhamento, a palavra lhe será *pro me* e, conseqüentemente, libertadora. Isso somente pode ocorrer se o próprio conselheiro

---

<sup>48</sup> Cf. GRONDIN, 1999, p. 198, 202-205.

<sup>49</sup> Clinebell, retornando a Heidegger, afirma que “[...] o conhecimento que temos da própria morte é a música de fundo que toca fracamente à distância durante toda a nossa vida. ‘Talvez às vezes consigamos fazê-la emudecer, mas há outras ocasiões em que ela aumenta em intensidade e ritmo, de modo que não podemos deixar de estar conscientes dela’”. CLINEBELL, 2007, p. 103.

<sup>50</sup> BOFF, 2002, p. 25.

perceber que precisará antes ser liberto de seus preconceitos, estar consciente de sua própria finitude e da finitude da letra. Por isso o conselheiro não poderá somente olhar para os olhos do aconselhando, como um objeto numa posição inferior a ser interpretado. É também necessário olhar junto com o aconselhando para frente, para a infinitude, para Deus, e trilhar o caminho de fé e fé. Assim, ambos perceberão que o aconselhamento pastoral é lugar de reconhecimento da própria finitude, de forma que ambos somente podem orar:

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos (Isaías 55.8-9).

## Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo**; a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**; modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.
- DREHER, Luís H. **O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2003. 114 p. (Teses e Dissertações, 6).
- GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. 335 p. (Coleção Focus, 2).
- JUNGHANS, Helmar. **Temas da Teologia de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2001.
- LIBANIO, João Batista. Religião e Teologia da Libertação. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Sarça Ardente**: teologia na América Latina. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 79-144.
- HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 5. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- HOCH, Lothar Carlos. A Comunicação como Chave do Aconselhamento Pastoral. In: \_\_\_\_\_; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). **Comunidade Terapêutica**; cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003.
- LOEWENICH, Walther von. **A teologia da cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- LUTERO, Martinho. Da vontade cativa. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993. v. 4.
- \_\_\_\_\_. Missa e Ordem do Culto Alemão. In: **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- \_\_\_\_\_. O Debate de Heidelberg. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. v. 1, p. 35-54.



- MUELLER, Enio R. Fundamentos da ética de Lutero. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Org.). **Identidade Evangélico-Luterana e Ética**; Anais do III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: EST, 2005. p. 14-26.
- \_\_\_\_\_. **Teologia Cristã**: em poucas palavras. São Paulo: Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005. 110 p.
- NOÉ, Sidnei Vilmar. A morte bem-aventurada: Lutero e a *ars moriendi*. In: HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin H. K. (Orgs.). **Bioética**; avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar do início ao crepúsculo da vida – esperanças e temores. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 77-84.
- \_\_\_\_\_. Multi e interculturalidade na América Latina. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral**; contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 69-83.
- PACE, Enzo; STEFANI, Pierro. **Fundamentalismo religioso contemporâneo**. Apelação: Paulus, 2002. 185 p.
- PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- PINOMAA, Lennart. **Sieg des Glaubens**; Grundlinien der Theologie Luthers. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1964.
- ROSER, Traugott. Aconselhamento diante da morte e suas implicações para a competência pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin H. K. (Orgs.). **Bioética**; avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar do início ao crepúsculo da vida – esperanças e temores. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2006. p. 61-73.
- SANTOS, Hugo. Saúde e ética na ação pastoral de Jesus. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (Orgs.). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. p. 26-42.
- SCHIPANI, Daniel S. **O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE. 1998.
- TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, [1988]. 265 p.
- \_\_\_\_\_. **Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 1986.
- WATSON, Philip S. **Deixa Deus ser Deus**; uma interpretação da teologia de Martinho Lutero. Canoas: ULBRA, 2005.
- WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **Ser nascido na vida**: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. 257 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.